

# UM ENCONTRO TRANSFORMA (DOR): NARRAR, COMPARTILHAR E ELABORAR. A Transformative Encounter: to narrate, to share and to elaborate.

EDUARDA BERAO PIRES PEREIRA

---

RESUMO: No presente trabalho, o livro “*Kafka e a Boneca Viajante*”, de Jordi Sierra i Fabra (2006/2009), é usado como material de estudo e exercício teórico-clínico. O livro aborda o encontro de Kafka e Elsi, uma jovem menina que se desespera ao perder a sua boneca. Este encontro e o processo de elaboração emocional que se desenvolve a partir da perda da boneca são compreendidos à luz de importantes conceitos teóricos que sustentam a clínica psicanalítica da infância e adolescência, dentre eles, o de *espaço potencial, ilusão/desilusão e fenômenos e objetos transicionais* cunhados pelo psicanalista Donald Winnicott. Também são trabalhados os conceitos de *revêrie e continência*, de Bion, e o conceito de *narratividade*, visitado nas obras de Celso Gutfreind e Bernard Golse.

PALAVRAS-CHAVE: espaço potencial; narratividade; fenômenos transicionais.

ABSTRACT: In the present, the book “*Kafka and the Traveling Doll*”, by Jodi Sierra i Fabra (2006/2009) is used as studying and theoretical-clinical material. The book broaches the encounter of Kafka and Elsi, a young girl falls in despair as she loses her doll. Both the encounter and the emotional elaboration process which evolves from the loss of the doll are comprehended in the light of important theoretical concepts which sustain the clinical psychoanalysis of childhood and adolescence, amongst them, the concept of potential space, illusion/delusion and phenomena and transitional objects coined by psychoanalyst Donald Winnicott. The concepts of *revêrie* and *continence* by Bion and the concept of *narrativity*, visited in the works of Celso Gutfreind and Bernard Golse, are also worked on.

KEYWORDS: potential space; narrative; transitional phenomena.

## Introdução

A leitura do livro “*Kafka e a Boneca Viajante*” (2006/2009) me levou a sonhar com um trabalho no qual o encontro entre o escritor e Elsi – “menina bonita como todas as meninas pequenas” (p.15) – é pensado como um espaço potencial para o amadurecimento emocional (Winnicott, 1975/1971), sendo possível compreendê-lo à luz de importantes conceitos teóricos, que sustentam a clínica

psicanalítica da infância e da adolescência. As reflexões suscitadas a partir dessa narrativa escrita por Jordi Sierra i Fabra fizeram-me escolhê-la como material de estudo e exercício teórico-clínico.

A construção do meu entendimento sobre o que acontece no encontro entre Elsi e Kafka é realizada junto com a cronografia da história, apresentada através de passagens do livro e com as minhas próprias palavras. Destaco o que considero significativo para a compreensão do material utilizando, principalmente os conceitos formulados por Winnicott de espaço potencial, ilusão/desilusão e fenômenos e objetos transicionais. Também utilizo os conceitos de revêrie e continência, de Bion, e o conceito de *narratividade*, muito bem descrito nos trabalhos de Celso Gutfreind e Bernard Golse, para compreender o processo de elaboração que vai acontecendo graças à qualidade deste encontro.

## O impacto do encontro

Em meio a um passeio alegre e vibrante pelo parque Steglitz, em Berlim, Kafka é surpreendido com o choro intenso e sofrido de uma garotinha e fica transtornado com tamanha tristeza. A pequena menina estava sozinha e desolada. Kafka parecia ser o único a notá-la, tomando contato com a angústia de não saber o que fazer diante da intensidade dos sentimentos vividos por uma criança. “As crianças eram um completo mistério, seres de alta periculosidade, um conjunto de risadas e lágrimas alternadas, nervos e energia à flor da pele, perguntas sem fim e exaustão absoluta.” (p. 14).

Pensou em ir embora, mas achou que seria irresponsável da sua parte abandoná-la. Sendo assim, só restava-lhe ir ao seu encontro. Kafka se aproximou e cumprimentou a menina, que levantou a cabeça e o olhou. Seus olhos transpareciam a dor e o sofrimento que lhe acometiam. Kafka perguntou o que havia acontecido e teve como resposta o silêncio. Estava perdida? Alguém havia lhe machucado? Por fim, o motivo para tamanho desespero foi revelado: a menina havia perdido a sua boneca.

As palavras pronunciadas para contar o que havia acontecido foram suficientes para que as lágrimas voltassem a correr. Kafka novamente se viu sem saber o que fazer. Não podia ir embora ou simplesmente recomendar a menina que fosse para a casa. “Por que a dor infantil é tão poderosa? A situação era real. A relação de uma menina com a sua boneca é das mais fortes do universo. Uma força descomunal movida por uma tremenda energia.” (p. 21).

Repentinamente, teve uma ideia. Apesar de surpreso com o que lhe ocorreu, compartilhou com a menina de maneira intrínseca e genuína: “- Sua boneca não se perdeu! Ela foi viajar!”. Tais palavras prontamente tocaram o coração da pequena, devolvendo-lhe a esperança. “Viajar? Para onde?” – perguntou. Kafka a convidou-a para se sentarem em um banco e perguntou seu nome. “Elsi’,

respondeu a menina. “Elsi, claro! Lógico que era sua boneca, porque a carta é para você!” (p. 21).

Conforme enxergava interesse e alívio nos olhos de Elsi, foi dando forma e contorno para aquela ideia aparentemente maluca. A menina queria saber mais – “Que carta?” – “A que ela escreveu, explicando porque foi embora tão de repente”, respondeu Kafka, percebendo a importância daquele momento para conquistar sua confiança. Elsi continuou querendo entender “Por que Brígida havia partido sem ela?” (p. 25). O escritor, sentindo-se preparado para responder esta pergunta, explicou-lhe que a boneca atingira a idade em que precisava emancipar-se, e que ela mesma passaria por isso quando chegasse a sua hora.

Elsi levou alguns segundos para avaliar a nova realidade. Ao mesmo tempo em que parecia hesitosa, desejava entregar-se àquela experiência. Ainda não convencida, perguntou: “Porque a minha boneca escreveu para o senhor?”. Kafka, que também já havia imaginado aquela pergunta, respondeu com propriedade: “Porque eu sou carteiro de bonecas.” (p. 26). Explicou à menina que os carteiros de bonecas entregavam as cartas diretamente nas mãos dos destinatários para que não fossem lidas por outras pessoas. Quando Elsi contou-lhe que ainda não sabia ler, Kafka a tranquilizou, dizendo que também fazia parte do seu trabalho ler as cartas em voz alta. Assim, marcaram o próximo encontro para o dia seguinte no horário em que Elsi costumava chegar ao parque. Antes de se despedirem, ela confirmou: “Vai me trazer a carta de Brígida?”. Kafka sabia que naquele momento a carta da boneca era a coisa mais importante na vida de Elsi e não podia desapontá-la: “Claro que vou trazer a carta da sua boneca, pode confiar.” (p. 29).

Em um artigo escrito por Perrota e Cintra (2014), as autoras refletem acerca do encontro entre Kafka e Elsi, fazendo um paralelo ao vínculo que se estabelece no encontro entre terapeuta e paciente no processo analítico, a partir do conceito winnicottiano de espaço potencial. Assim como as autoras, entendo este primeiro encontro de Kafka e Elsi como o início da construção de um espaço de continência (e posteriormente de elaboração), no qual o sofrimento da menina pela perda de sua boneca é reconhecido, experienciado e compartilhado com Kafka.

De acordo com Winnicott (1971/1975), o bebê só se sente real e existindo se se vê refletido nos olhos da mãe. Da mesma forma, em um processo analítico ou psicoterápico, antes de qualquer intervenção interpretativa, é necessário que se crie uma atmosfera em que o paciente se sinta sendo visto e reconhecido pelo terapeuta, caso contrário, nenhum crescimento verdadeiro é alcançado. A ideia sobre construção de um espaço de continência também é desenvolvida por Bion. O autor descreve o conceito de continente (2006/1973), que designa uma condição de disponibilidade para receber de um outro (ou de si mesmo) uma carga de necessidades, angústias, demandas e desejos, decodificando-a e transformando-a em conteúdos devidamente nomeados e significados.

Ao ser tocado pelo sofrimento de Elsi, Kafka convida a menina para embarcar em uma viagem imaginativa, expandindo as fronteiras do seu pensamento, junto dele, a fim de tornar tolerável e representável a dor pela separação abrupta de sua boneca. Nesta passagem, lembro-me do conceito de Fenômenos e Objetos Transicionais desenvolvido por Winnicott (1971/1975), pois parece abarcar a dimensão dessa experiência ilusória e transitória. Este “lugar” intermediário possibilita ao bebê conceber e experimentar os espaços existentes entre o eu e eu-não, de forma confiável e criativa. Segundo o autor, além das realidades interna e externa, é necessário reivindicar a existência de uma área intermediária, concedida ao bebê como um espaço de transição entre o que é subjetivamente concebido e o que é objetivamente percebido.

A realidade interna é aquela em que o indivíduo alucina, cria e imagina, enriquecendo o mundo dos objetos reais com percepções pessoais. Os objetos reais estão na realidade externa, que passa a ser reconhecida pelo bebê como tudo aquilo que é *não-eu* e está fora do seu controle onipotente (Winnicott, 1989/1994). No início da vida, espera-se que a mãe ou o cuidador principal, através da adaptação quase total às necessidades do bebê, propicie a ele a ilusão de que os cuidados recebidos são criação sua, portanto, uma parte de si mesmo. Este mecanismo vai proporcionando-lhe a condição de suportar, em pequenas doses, a desilusão gerada a partir da desadaptação gradativa da mãe. Sendo assim, desde o início, o ser humano se vê incumbido com a tarefa de relacionar o que é subjetivamente concebido com o que é objetivamente percebido (Winnicott, 1989/1994). Winnicott (1971/1975) destaca ainda que a aceitação da realidade externa nunca é completa, e a tensão provocada pela relação das duas realidades é aliviada por esta área intermediária da experiência.

Gutfreind (2014), inspirado em Winnicott, destaca que as histórias nos alimentam de ilusão para que, abastecidos o suficiente, toleremos a desilusão. São necessários novos encontros e novas histórias para tolerarmos a vida e a morte. A troca de olhares e a sonoridade da voz na narração de uma história promovem a criação de um espaço potencial que ajuda a suportar a separação entre a mãe e o bebê.

## A primeira carta

Kafka foi o primeiro a chegar e depois de horas de trabalho intenso, sentia-se bem e sereno. Elsi não tardou a aparecer. Aproximou-se dele e fez a pergunta: “O senhor trouxe a carta?”. “Trouxe sim.” (p. 45), respondeu Kafka. Brígida, a boneca viajante, estava em Londres, localização comprovada pelo selo no envelope.

Querida Elsi, antes de mais nada, me desculpe por ter ido embora tão de repente, sem me despedir. Sinto muito e espero que não esteja zangada. Às vezes fazemos coisas sem perceber, ou reagimos inesperadamente diante do que nosso instinto

nos diz e magoamos quem não queremos. É que as despedidas são tristes e eu não queria que você chorasse nem tentasse me convencer a ficar mais um pouco. Temia que você não me deixasse ir e eu precisava fazer isso [...]

Elsi, você deve saber que viver é seguir sempre em frente, aproveitar cada momento, cada oportunidade e cada necessidade. Você também vai fazer a mesma coisa daqui há alguns anos. As pessoas e as bonecas são feitas de sentimento e emoções que é preciso ir usando aos poucos. Depois desses anos ao seu lado, sou a boneca mais feliz que existe, cheia de energia. Quero que fique contente e, muito, porque tudo que sou devo a você. Você cuidou de mim, me ensinou muitas coisas, me amou e me fez ser uma boa boneca. (p. 48).

Brígida finalizou a carta apresentando para Elsi os lugares maravilhosos que estava descobrindo. A menina se deu conta de que sua boneca não iria voltar. Ao mesmo tempo em que se sentia orgulhosa pela coragem de Brígida, não entendia como não a teria mais ao seu lado. Kafka, muito conectado com Elsi (e com o seu próprio universo infantil), conseguiu compreender genuinamente a dor da menina:

Não entendia nada de psicologia, a única coisa que sabia, por intuição, era que as crianças destilavam egoísmo. Fazia parte da sua própria essência. Egoísmo por precaução, por senso de sobrevivência, por necessidade. Queriam tudo, amor, carinho e atenção. Ser o centro do universo e que o mundo girasse ao seu redor era tão natural quanto a comida aparecer na mesa todos os dias como um passe de mágica [...] (p. 52).

Elsi, por sua vez, mostrou que estava sentindo-se acolhida e compreendida quando pôde contar a Kafka que sempre dormira abraçada com a boneca e havia sentido muito a sua falta na noite anterior. Disse ao escritor que sentia que a partida da boneca se tornara um segredo entre ela e a mãe, pois foi um presente que ganhou desta quando nasceu e não sabia se devia falar a verdade. Buscando um norte, alguma familiaridade naquela experiência tão nova e assustadora, Elsi perguntou a Kafka se ele também tinha mãe. Parecia querer saber se era possível passar pela experiência de perda, sem perder-se inteira; se havia saídas; se sua angústia era passível de ser compartilhada e transformada. “Claro, e três irmãs. Também tive dois irmãos, mas morreram muito pequenos. Sou o mais velho.”, respondeu Kafka. “Também teve uma boneca que foi viajar?”, quis saber Elsi. “Tive um soldadinho de Chumbo.” (p. 53). Elsi perguntou se o soldadinho havia ido para a guerra, e Kafka respondeu que na verdade ele foi viajar, tendo conhecido vários lugares, como o Pólo Norte, o Pólo Sul, o Alasca...

É possível pensar que a narrativa viva, criativa e afetiva do escritor ofereceu a Elsi o *holding* e a *revêrie* necessários à construção de um continente capaz de suportar o luto pela boneca querida. Esse processo é muito semelhante ao que observamos e desejamos que aconteça nos encontros clínicos. De acordo com Ferro (1995): “Não há movimento na sala de análise que não ocupe as revêries do analista” (p. 125). Ele define *revêrie* como a permeabilidade e disponibilidade mental e emocional à comunicação do outro, que metaboliza, transforma e torna

pensáveis as suas angústias, ânsias e identificações projetivas. Deste processo fazem parte a função alfa e os pensamentos oníricos da vigília que oferecem uma restituição transformada do estado emocional assumido.

Silva (2013), a partir da sua experiência clínica com crianças que vivenciaram situações traumáticas precoces, indisponíveis à representação, descreveu a função narrativa do analista. De acordo com a autora, a construção e reconstrução de uma narrativa da sessão, com continência emocional e sonora, oferece ao paciente uma representação possível a acessar a linguagem das emoções, ampliando o conhecimento sobre si mesmo.

A função narrativa oportuniza a criação de um espaço transicional (Winnicott 1951/1988, citado por Silva, 2013) que auxilia na aquisição de sentido aos traumas precoces. Ainda que não se trate exatamente de uma situação traumática precoce, é possível considerarmos que a perda da boneca e do que ela representa na vida de Elsi faz com que esta precise se haver com um sentimento de luto difícil de ser elaborado. As cartas de Brígida para ela exercem a função de transicionalidade, num encontro suficientemente narrativo e continente. A presença viva de Kafka possibilitou que Elsi sentisse a presença de Brígida, mesmo na sua ausência.

Winnicott (1988), ao escrever sobre o processo de elaboração de perdas, destaca que podemos “lidar com a perda sem quase perder o que é perdido” (pp.34-35). Os objetos e fenômenos transicionais possibilitam a manutenção do que foi perdido sem que se apele à negação. Eles permitem o “contato com a realidade por intermédio da ilusão” ajudando no reconhecimento e na aceitação das propriedades da realidade (Winnicott, 1988, p.34).

A menina, parecendo vislumbrar uma possibilidade que até então não havia lhe ocorrido, perguntou se também poderia escrever à boneca. Será que foi o acolhimento promovido por Kafka que fez com que Elsi também se sentisse em condições de poder narrar? Angustiado diante do desejo da menina de continuar com aquela história, Kafka respondeu que não seria possível escrever à Brígida, porque ela era uma boneca viajante e não permaneceria no mesmo lugar. Elsi, necessitada de ainda mais narratividade, perguntou qual seria o próximo destino de Brígida. Quando o carteiro reconheceu que não sabia, confirmou com ele que receberia uma segunda carta da boneca lhe informando sobre o seu paradeiro – “Mas amanhã ela vai me contar na carta, né?” (p. 54). O olhar de Elsi para o escritor revelou a crença da menina no seu trabalho como carteiro de bonecas.

Como disse Gutfreind (2010), “vida nenhuma começa sem história” (p. 28). A continuidade é transmitida pela narração e só suportamos o crescimento quando há narrativa o suficiente para promover a construção e a expansão do psiquismo (Bruner, 1997 citado por Gutfreind, 2010). Antes da narração pela palavra, narra-se através de gestos, sons, imagens e movimento. Gutfreind (2010) destaca que é o *holding* experimentado pelo bebê no começo da vida que torna possível a entrada do verbo. A narrativa dá sentido à existência e cria uma ponte entre o eu e o outro. Konichekis (2008 citado por Gutfreind, 2010) entende o

espaço narrativo como um espaço de ilusão que se opõe ao caos e à desintegração. A psicoterapia e a análise funcionam como um encontro narrativo em que se fomenta e/ou se resgata a capacidade de contar, simbolizar e adentrar no caminho da construção da subjetividade.

Golse (2003) destaca que a narratividade é um dos caminhos possíveis para se enfrentar os processos de lutos necessários e inerentes ao desenvolvimento: “A narratividade ordena os processos de ligação, que, sabemos bem, tem uma função anti-traumática. Não poder contar, não poder se contar, não somente se soma ao traumatismo, mas é um traumatismo em si” (p.104).

A construção da narratividade se inicia na forma analógica (pré-verbal), mas precisa continuar de forma digital, através da interiorização progressiva do testemunho e da narração do outro. O sujeito identifica-se com a função de narrador e principalmente, com o prazer experimentado pelo outro ao exercer essa função. A narratividade é antitraumática, porque cria laços, possibilita a representação e abre espaço para o surgimento do novo (Golse, 2003).

Outro aspecto da narrativa que considero importante é a percepção de Kafka sobre a onipotência da criança como uma necessidade atrelada à proteção e à sobrevivência. Pode-se acrescentar a isso a vivência da onipotência infantil como condição para o amadurecimento emocional e como base para o viver criativo. Seguindo nas ideias de Winnicott (1989/1994), a onipotência não se encontra somente em nível de pensamento, mas se estende ao vínculo do bebê com os seus primeiros objetos. Durante o processo de amadurecimento emocional, é necessária a transição do controle onipotente dos objetos externos para o reconhecimento dos fenômenos que se encontram fora do controle pessoal.

## **Odisseia no espaço da ilusão**

Kafka, que havia chegado dez minutos antes do horário combinado, viu Elsi se aproximar sorridente, diferentemente de como a encontrara no dia anterior - séria e ansiosa. Os olhos da menina fixaram-se nos olhos de Kafka: “Tem carta hoje?” (p. 59), perguntou. Ao ouvir a resposta afirmativa do escritor, prontamente perguntou sobre a localização de Brígida. Desta vez, a boneca escrevia de Paris. Ao escrever a segunda carta, Kafka percebeu que as palavras lhe vinham com maior naturalidade e fluidez. Sentia-se mais livre para conceber Brígida dentro de si. Começou a ler em voz alta:

Querida Elsi, você sabia que o céu de Paris é da cor de seus olhos quando você sorri e que as nuvens são como os pêssegos que se formam no seu rosto? /Pois é assim mesmo. Estou em Paris! Acredita? Nesta segunda etapa da minha viagem, eu resolvi navegar pelo Sena, ver o museu do Louvre, passear pela Champs Élysées e subir na Torre Eiffel. Espero que você não se canse com as minhas aventuras, pois vou lhe contar tudo o que tenho feito (p. 62).

Enquanto lia, Kafka marcava cada inflexão, dando à narrativa um tom de mistério e fascinação. Brígida continuou descrevendo suas aventuras pela cidade de Paris. Elsi, mesmo que feliz e orgulhosa pela boneca, não conseguia esconder a tristeza pela sua partida. “Que sorte poder viajar!”, murmurou Elsi. Kafka respondeu-lhe com um misto de consolo, esperança e confiança no seu processo de amadurecimento: “Você também vai viajar um dia, se quiser.” (p. 63). De certa forma, era o que estavam fazendo.

Em duas semanas, Brígida havia enviado quatorze cartas, cada uma de um lugar diferente. Conheceu o Saara, a Índia, os altos picos do Himalaia, a grande muralha da China e esteve em Pequim, Nova Iorque, Bogotá e México. Elsi e Kafka pareciam percorrer todos os espaços da imaginação sem questionar a velocidade com que Brígida se deslocava de um continente a outro. A menina e o escritor entregaram-se completamente àquela experiência. Kafka a sentia como sua cúmplice numa grande aventura. “Salvar uma menina não era salvar o mundo? A primeira dor costuma ser dura e amarga. O primeiro choque com a realidade, o despertar. Elsi nunca esquecerá a perda de sua boneca. Agora, pelo contrário, brotava nela aquele orgulho...” (pp. 74-75).

O despertar de Kafka parece ter iniciado no dia em que esperou por Elsi no horário habitual, mas a menina não apareceu. Sua cabeça fervilhava: “O que poderia ter acontecido? Elsi estava doente? Perdera o interesse pelas cartas? Até quando seria o carteiro de bonecas?” (p. 75). Sentia-se triste e desiludido: Vinte minutos depois, Kafka avistou Elsi correndo rapidamente em sua direção. Lá estava ela – “correndo como se aquilo fosse a coisa mais importante da sua curta vida” (p. 76). O escritor sentiu-se aliviado. Elsi justificou o atraso contando que sua mãe havia passado mal, mas a felicidade em encontrar Kafka ali, esperando por ela, fez com que esquecesse de todo o resto: “Mas o senhor está aqui, não foi embora! De onde é a carta hoje?” (p. 77).

Nessa passagem, chama a atenção a presença estável de Kafka, que mesmo na ausência de Elsi, permanece ali e sobrevive ao atraso. É possível considerar que as vivências experimentadas nesse encontro auxiliaram na elaboração do luto simbólico pela perda do objeto. Esse consiste na progressiva internalização do objeto, fazendo com que sua presença seja sentida, mesmo quando ausente.

Aqui, novamente remeto-me a Winnicott, quando faz uma diferenciação entre o relacionamento com o objeto e o uso do objeto. De acordo com o autor (1989/1994), a capacidade de usar um objeto é mais elaborada do que a capacidade de se relacionar com objetos, pois o relacionamento pode-se dar com objetos subjetivos, enquanto o uso pressupõe a percepção da existência do objeto na realidade externa. Winnicott descreve a passagem do relacionamento com um objeto para o uso de objeto da seguinte forma: “ 1- o sujeito relaciona--se com o objeto. 2- o objeto está em processo de ser encontrado, em vez de colocado no mundo pelo sujeito – o sujeito destrói o objeto. 4 – o objeto sobrevive a destruição. 5 – o sujeito pode usar o objeto” (p.177).

A destruição do objeto, acompanhada da sua sobrevivência, situa-o fora do controle onipotente do sujeito, criando uma realidade compartilhada que pode ser usada pelo sujeito para fornecer algum elemento outro-que-não-eu (Winnicott, 1971/1975). O encontro de Elsi com Kafka parece ter oportunizado à menina a transição entre estes dois estágios do processo de amadurecimento emocional.

Quando Kafka voltou para casa naquele dia, teve uma conversa difícil, mas inevitável, com sua mulher, Dora, que havia lhe acompanhado silenciosamente durante a escrita das cartas. Dora compreendeu e respeitou que naquele momento as cartas de Brígida também eram a coisa mais importante na vida de Kafka, mas havia chegado a hora de ajudá-lo a conceber que as despedidas eram igualmente necessárias e importantes. Há seis anos, o escritor recebera o diagnóstico de tuberculose, incurável naquela época, e cada vez mais aproximava-se do final de sua vida. O encontro com Elsi e as cartas de Brígida também estavam ajudando-o a elaborar sua própria dor e seus lutos.

O tempo em que ficou esperando por Elsi naquele dia fez com que se desse conta de que a menina não iria se cansar de receber as cartas de sua amada boneca, pois assim permaneceriam unidas para sempre. A despedida teria que partir de Kafka. Além do mais, Elsi começara a fazer perguntas difíceis de responder - sendo um carteiro de bonecas, onde estavam as cartas das outras bonecas que ele supostamente deveria entregar? Enquanto Dora ajudava o escritor a pensar em uma forma de levar Brígida a se despedir de Elsi, ocorreu-lhe uma ideia: "Por que você não faz a Brígida se casar?" (p. 82).

Conforme a narrativa vai-se desenrolando, pode-se perceber que há dois processos de luto ocorrendo concomitantemente: o de Elsi, relativo ao crescimento, e o do próprio Kafka que, em função da sua doença, se sente cada vez mais perto da morte. Gutfreind (2014) destaca que ao contarmos uma história, experimentamos, com aqueles que a escutam, o prazer de contar e de ouvir, o que significa subjetivar-se e, mesmo que esporadicamente, tratar-se. "Se houve o mínimo de encontro, as palavras podem reparar a vida. Isto sim são psicologia e literatura. Juntas. A palavra que vem para encontrar e partir. Para preencher, separar-se e evocar a falta" (Gutfreind, 2014, p. 189).

## **A continuidade e a passagem do tempo**

A carta seguinte de Brígida vinha da Tanzânia:

Não sei se você percebeu Elsi, mas com esta são já são dezessete cartas que mandei de todos os lugares que estive. Quando olho para trás, vejo que foi como um sonho, você não acha? Imagino você, com o seu amigo carteiro, sentada num banco do parque Steglitz, deixando sua imaginação voar para me acompanhar em minhas peripécias, em busca dos meus sonhos. Acontece que os sonhos são a base da vida. Sem sonhos, somos apenas corpos perdidos vagando na rotina.

Nunca se esqueça de que sou livre porque você foi livre e me transmitiu essa felicidade. Um dia, quando eu deixar de lhe escrever... (p. 85)

Nesse momento, Kafka foi interrompido pela reação de Elsi: “por que ela vai deixar de me escrever?” (p. 85). Kafka sugeriu que continuassem a leitura, mas Elsi captara que estava chegando a hora de despedir-se de sua boneca: “Ela está triste.” (p. 86), murmurou. O carteiro perguntou por que Elsi achava que sua boneca estava triste, e ela lhe respondeu que alguma coisa estava diferente em Brígida. “Acho que a Brígida está crescendo.”, disse Kafka. Continuou: “E você também, se é capaz de perceber essa diferença”. Elsi queria saber mais: “E o que acontece quando as meninas e as bonecas crescem?”. “O bonito de crescer é que a cada dia acontecem coisas novas e a vida é um presente.” (p. 86), respondeu Kafka. Elsi compartilhou com ele sua surpresa diante do que nunca havia imaginado - sua boneca ficando mais velha. Kafka perguntou se ela já havia se imaginado mais velha, e a menina respondeu com orgulho que sua mãe lhe disse que ela já era. “Então vai entender de verdade o que sua boneca está contando.” (p. 87), concluiu o carteiro. Kafka prosseguiu com a leitura:

Um dia, quando eu deixar de lhe escrever, nós duas vamos saber que nunca chegaremos tão longe uma sem a outra. Viveremos cada uma na memória da outra, e isso é a eternidade. Elsi, porque o tempo não existe para além do amor. Sei que você chorou quando fui embora. Mas quero que ria e cante e sempre pense que o futuro não é um problema a resolver, mas um mistério a descobrir [...] (p. 87)

Discretamente, olhou para Elsi e a viu sorrir. Voltaram a se encontrar no dia seguinte, mas desta vez quem se atrasou foi Kafka. O dia anterior havia sido difícil para ele – passou mal e precisou acompanhar Dora em uma situação de urgência. Mesmo assim, lá estava Elsi esperando por ele e pela próxima carta de sua boneca.

Nesta passagem do livro, Elsi passa a reconhecer, através do olhar da mãe e do olhar de Kafka, o seu processo de amadurecimento. Kafka compartilha com a menina a crença no seu potencial para o desenvolvimento, mostrando-se esperançoso e confiante em relação ao futuro. Alvarez (1992/2020) destaca a importância do elemento prospectivo e da expectativa de desenvolvimento humano no processo de desenvolvimento de uma criança. O elemento prospectivo se refere aos sonhos, desejos e expectativas da criança com relação ao seu futuro, que começam ou são facilitados pela condição dos pais ou de outros adultos de conseguirem reconhecer nela não só a criança que é, mas o homem ou a mulher que está se tornando. Alvarez (1992/2020) sugere que a ideia de futuro é uma dimensão importante na atividade normal do brincar e no desenvolvimento da formação de símbolos. O símbolo pode representar uma realidade esperançosa que ainda não existe, mas pode vir a existir no futuro. No trabalho clínico, o destaque exagerado do terapeuta sobre sentimentos de perda, ausência e abandono pode atrapalhar desenvolvimentos importantes na formação de símbolos. Os sonhos das crianças em relação ao futuro são impulsionados pelas fantasias

dos pais para elas ou sobre elas e nesse sentido, Alvarez (1992/2020) destaca: “a mãe, além de conter e transformar a frustração (e até os deleites) de seu bebê ou de seu filho, pode também, na maior parte do tempo, funcionar como um continente para as suas aspirações” (p. 279).

## **A descoberta do amor**

Brígida continuava na Tanzânia, o que deixou Elsi intrigada. Desde sua partida, nunca havia ficado dois dias em um mesmo lugar:

Querida Elsi, hoje estou muito feliz. Radiante, como se meu corpo estivesse em festa e uma banda de música tocasse na minha cabeça. Queria que esta carta fosse sonora para você escutar minha voz e as batidas do meu coração, para dançar comigo. Tenho tanta coisa para lhe dizer, e é tão intenso o que estou sentindo, que nem sei por onde começar. (p. 90).

Na sequência, revelou que estava apaixonada. Em meio a um passeio pela savana africana, conheceu Gustav, um explorador fascinante, que lhe ajudou a afugentar um elefante assustador --“Ele é alto e bonito, Elsi. Seus olhos são lípidos como o céu africano, e sua alma, tão nobre como a das estrelas que de noite nos iluminam [...]” (p. 92). Kafka, curioso pela reação de Elsi, viu-a vibrar e se alegrar junto com a boneca. Sentia-se satisfeito. Apesar das mazelas daquele tempo arrasado pela Grande Guerra, a possibilidade de ter contribuído para o crescimento saudável de uma menina como Elsi era um dos seus legados e a esperança da qual precisava. Ao chegar em casa naquele dia, o escritor se viu diante de tudo que precisaria deixar para atrás quando a hora de sua morte chegasse. Olhara para a esposa dormindo ao seu lado, com quem tanto aprendera sobre o amor. A grande despedida se aproximava e como era difícil dizer adeus.

A última carta de Brígida estava pronta. Diferentemente das outras, continha três páginas, o que logo chamou a atenção de Elsi: “Parece que a Brígida tem muito o que contar” (p. 107), comentou Kafka.

Querida Elsi, chegou o grande momento, o grande dia e espero que você compreenda como é importante para mim o que vou fazer. O que mais desejo é compartilhar com você toda a felicidade que me invade. O que menos quero é magoá-la. Mas sei que nestas três últimas semanas estivemos mais ligadas e unidas do que nunca, não é verdade? Portanto, se a minha felicidade é a sua felicidade e vice-versa, quero que cante e ria comigo quando souber que me casei. (p. 108).

Brígida prosseguiu descrevendo a cerimônia do casamento e sua alegria por ter encontrado Gustav. Reconheceu a importância dos cuidados que recebeu de Elsi para a conquista daquele momento e contou-lhe que, em sua homenagem, daria o nome dela à sua primeira filha. Kafka queria saber o que Elsi estava achando de tudo aquilo e a menina respondeu: “Brígida estava sozinha, agora não está mais. Sei que Gustav vai fazê-la muito feliz. O jeito como fala dele, do

que sente, do que quer dividir ao seu lado..." (p. 100). Perguntou ao carteiro se não era a carta mais bonita que já tinha lido e viu nos olhos dele a emoção por ter feito um bom trabalho.

Apesar de satisfeito, Kafka sentiu um grande vazio ao chegar em casa naquele dia. Havia mais uma peça a ser encaixada. Dora perguntou-lhe como fora a despedida da boneca viajante e percebeu que mesmo com o término das cartas, Kafka gostaria de continuar se encontrando com Elsi. "Se ela vir você, se falar com você, vai se lembrar da Brígida. O que você precisa é... não digo esquecê-la, mas deixá-la aí, em sua memória, o mais tranquila possível, enquanto a vida continua" (p. 112). Dora o ajudou a chegar na última peça. No dia seguinte, Kafka estava no parque com um pacote e uma breve e última carta. "Senhor carteiro!" (p. 117), exclamou Elsi, ao enxergá-lo. Kafka cumprimentou-a e disse que estava ali para entregar-lhe mais uma carta de Brígida que chegou acompanhada de um presente. Elsi abriu o embrulho e encontrou uma linda boneca. Pediu para que o carteiro abrisse e lesse a carta: "Elsi, te amo muito...obrigada por me dar a vida e a liberdade para vivê-la. Seja feliz. Assinado Brígida" (p.118). Elsi abraçou a boneca com força e lhe deu o seu primeiro beijo. "Tem mais uma coisa", disse Kafka. "Um P.S que diz que: O nome dela é Dora" (p. 120).

## Considerações finais

A bela construção narrativa e a potência do encontro entre Elsi e Kafka nos oferece importantes elementos para pensarmos sobre os encontros terapêuticos. Tal encontro poderia ser pensado como protótipo de uma verdadeira experiência emocional?

Disponibilidade, afetividade, *holding*, continência e narratividade costumam ser condições desejáveis e necessárias aos processos terapêuticos. Tais marcadores formam uma atmosfera que permite ao paciente experimentar junto ao terapeuta suas dores e alegrias, criando e compartilhando novas histórias e novos sentidos. O desespero de Elsi foi reconhecido e acolhido por Kafka, que, naquele momento, também necessitava se haver com a própria dor de perceber-se cada vez mais debilitado e próximo da morte.

Ambos experimentaram um espaço potencial para representar, simbolizar e integrar as discontinuidades e interrupções da vida. Entretanto, apesar de compartilharem processos semelhantes (no que se refere à elaboração de lutos), Kafka e Elsi partiam de lugares, tempos, condições emocionais e funcionamentos psíquicos diferentes para abarcar a dimensão daquela experiência.

O escritor, através da continência e da capacidade de sonhar e brincar, ajudou Elsi a expandir os seus recursos imaginativos e narrativos para suportar e transformar as perdas em experiências de vida e crescimento emocional. Elsi compartilhou com Kafka sua vitalidade infantil, oferecendo-lhe o sentimento de continuidade e esperança, mesmo diante da morte. Terminei este trabalho com

uma frase de Winnicott encontrada em um dos seus cadernos pessoais, citada no livro *The Collected Works of D.D.Winnicott: Volume 12, Appendices and Bibliographies* de 2016 ([www.oxfordclinicalpsych.com](http://www.oxfordclinicalpsych.com)) : “Ó Deus! Permita que eu esteja vivo no momento da minha morte.”

## Referências

- Alvarez, A. (2020). *Companhia Viva*. Editora Edgar Blucher Ltda. (Original publicado em 1992)
- Bion, W. (2006). *A atenção e a interpretação*. Imago Editora LTDA. (Original publicado em 1973)
- Fabra, J. S. (2009). *Kafka e a Boneca Viajante*. Martins Editora Livraria Ltda. (Original publicado em 2006).
- Ferro, A. (1995). *A técnica na psicanálise infantil*. Imago Editora LTDA.
- Golse, B. (2003). *Sobre a psicoterapia pais-bebê: narrativa, filiação e transmissão*. Casa do Psicólogo.
- Gutfreind, C. (2010). *Narrar, ser mãe, ser pai*. DIFEL.
- \_\_\_\_\_. (2014). *A Infância através do espelho: a criança no adulto, a literatura na psicanálise*. Artmed.
- Perrota, C. M., Cintra, E. M. U. (2014). Kafka, Winnicott e a Boneca Viajante: perder, narrar, resgatar. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, 17(4), 943-956. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2014v17n4p943.10>.
- Silva, M. C. P. (2019). A Função narrativa do analista: invenção de um possível. *Livro Anual de Psicanálise*, XXXIII (1), 41-58.
- Winnicott, D.W. (1975). *O Brincar e a Realidade*. Imago Editora Ltda. (Original publicado em 1971)
- \_\_\_\_\_. (1988). *Natureza Humana*. Imago Editora LTDA.
- \_\_\_\_\_. (1994). *Explorações Psicanalíticas*. Artes Médicas. (Original publicado em 1989)